

UMA ANÁLISE DOS VALORES SEMÂNTICOS DO PRESENTE DO INDICATIVO EM TEXTOS ESCOLARES

Juliana Bertucci Barbosa*¹
Nayara Maira da Silva**²

Resumo: Ainda que as gramáticas tradicionais afirmem que os verbos conjugados no Presente do Indicativo se referem, temporalmente, à fala momentânea, sabemos que essa forma pode também referir-se a outros valores semânticos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é (a) descrever os valores semânticos dos verbos flexionados no Presente do Indicativo, (b) analisar empregos do Presente do Indicativo em alguns textos de alunos do ensino fundamental de uma escola de Uberaba, relacionando-os com a visão de alguns semanticistas. Nossa investigação partiu do pressuposto de que o verbo no tempo presente deve ser analisado dentro de um contexto, levando-se em consideração diferentes valores semânticos aspectos e temporais.

Palavras-chave: Presente do Indicativo, Valores Semânticos, Variação, Tempo, Aspecto.

Abstract: Although the traditional grammars claim that the verbs conjugated in the Presente Indicativo refer, temporarily, to speech moment, we know that this tense can also refer to the other semantic values. Thus, the objective is (a) describe the semantic values of flexed verbs in the present tense, (b) to analyze some texts of elementary students at a school in Uberaba, relating them to the view of some semanticists. Our research started from the assumption that the verb in the present tense should be analyzed in context, taking into account different values semantic and temporal aspects.

Keywords: Present Tense, Semantic Values, Variation, Time, Aspect.

Introdução³

Alguns estudos tradicionais continuam afirmando que os tempos verbais devem ser entendidos apenas sob uma perspectiva cronológica, ou seja, relacionando-os a três noções temporais: presente, passado e futuro. Porém, muitos linguistas (BARBOSA, 2008; FATORI, 2006, FREITAG, 2010, VARGAS, 2011, entre outros) não concordam com esses autores tradicionais e defendem que os tempos verbais devem ser analisados sob uma perspectiva

¹ Professora Doutora de Língua Portuguesa e Linguística no curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Campus de Uberaba-MG. Professora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFTM. Grupo de estudos variacionistas – GEVAR. julianabertucci@gmail.com

² Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Bolsista do PIBID/CAPES, subprojeto de Língua Portuguesa. naahmaira@hotmail.com

³ Agência de fomento: CAPES.

semântico-discursiva, isto é, preocupando-se com a situação comunicativa, com a intenção do falante e com os valores semânticos expressos a partir dos usos de tais formas.

Além disso, muitos estudos sociolinguísticos apontam que há um rearranjo das funções das formas verbais no português. Barbosa (2008), por exemplo, destaca que o Futuro do Presente, no português contemporâneo, em alguns contextos menos formais de escrita e de fala, está sendo pouco utilizado, abrindo espaço para o emprego de outras formas, para indicar futuro, tais como a perífrase “ir + verbo principal no infinito” (“vou fazer”) ou o “presente do indicativo + adjunto temporal” (“Amanhã pego o artigo corrigido”). Já Fatori (2006) e Barbosa e Cruz (2013) evidenciaram que a forma do Presente do Indicativo pode expressar diferentes valores semânticos (temporais, aspectuais e modais) conforme o contexto de uso.

Assim, com base na hipótese de que no português brasileiro está ocorrendo um rearranjo nas funções das formas verbais, neste artigo, buscamos investigar os diferentes valores semânticos que o Presente do Indicativo⁴ pode assumir na escrita de alunos do Ensino Médio de escolas públicas da cidade de Uberaba. Para atingirmos nossos objetivos, inicialmente, apresentamos, sucintamente, uma discussão sobre tempo e aspecto e sobre o Presente do Indicativo na perspectiva tradicional e linguística.

Tempo e Aspecto

Muitos linguistas teceram considerações relevantes sobre o **Tempo**. Entre eles, podemos citar Benveniste (1989[1974]), que afirma: “uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico e outra é inseri-lo no tempo da língua” (1989[1974], p.74). Confundir as noções gerais de passado, presente e futuro que aplicamos em nossa vida ou a história de uma comunidade com as que recebem a mesma denominação na gramática de uma língua supõe um ponto de partida incorreto, que impede de entender a autêntica natureza do tempo linguístico e seu funcionamento no interior de uma língua.

O tempo linguístico, segundo Barbosa (2008), que realizou uma revisão teórica sobre a categoria Tempo em sua tese de doutorado, possui duas faces, podendo ser “dêitico” ou “não-dêitico”⁵. O “tempo dêitico” caracteriza o **tempo verbal** associando o momento em que se dá o evento ao momento em que se dá a enunciação. Por oposição, o tempo “não-dêitico”, que é o tempo do desenvolvimento da enunciação, caracteriza o **aspecto**.

⁴ Para esta pesquisa, excluimos de nossas análises as formas compostas com TER e HAVER, pois tais formas devem ser analisadas seguindo outros fatores.

⁵ Segundo Corôa (1985), Guillaume (1969) foi o primeiro a estabelecer essa distinção.

Outra linguista, Corôa (1985), argumenta que a idéia de tempo físico (quantitativo) pode ser correlacionada, de certo modo, à categoria gramatical **tempo**. Além disso, a autora ressalta que em uma língua (e sua respectiva gramática) existe também o elemento **psicológico** que interfere na tripartição fundamental do tempo – presente, passado e futuro – e acrescenta, com modificações interpretativas, afetivas, durativas e aspectuais, subdivisões do tempo variáveis de língua para língua, que estão sempre atuantes.

Quanto ao Aspecto, Barbosa (2008) evidencia que há também uma divergência em suas definições, para isso faz uma revisão de alguns autores, citando Castilho (1966, p.14), que faz uma definição de aspecto: “a relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento”. Para o autor, aspecto pode expressar os seguintes valores fundamentais: completamento (perfectivo), duração(imperfectivo), repetição(iterativo), e neutralidade(indeterminado).Barbosa (2008, p. 70) acrescenta:

O aspecto e o tempo são categorias estreitamente relacionadas, mas que não se confundem, porque o aspecto não leva em conta o processo de enunciação, e o tempo, sim. Em outras palavras, somente o tempo é categoria dêitica; o aspecto leva em conta o intervalo em que se desenvolve o estado de coisas expresso pelo tempo.

Vargas (2011) também explica que a noção de aspecto está relacionada à categoria verbal ligada ao tempo que se refere à ideia geral e abstrata de tempo, sem levar em consideração a indicação do verbo ou por qualquer elemento da frase. Ou seja, o aspecto está ligado à noção da maneira como o tempo é tratado, atribuindo características como o tom da fala, a duração, o efeito, entre vários outros sentidos.É importante ressaltar que tempo e aspecto podem estar expressos juntos na mesma forma verbal. Como, por exemplo, em: “As palavras surgem”, temos uma atemporalidade (tempo) e também um aspecto durativo.

Sendo assim, partimos da hipótese de que questões temporais e aspectuais devem ser levadas em consideração ao analisarmos os usos das formas verbais e as intenções dos falantes. Como destaca Vargas, o falante pode utilizar uma determinada forma verbal para várias intenções, tais como: tornar os fatos mais reais, prolongá-los no tempo, promover uma visão “espacial” dos acontecimentos, persuadir, convencer, entre outras.

A forma do Presente do Indicativo

Perspectiva das gramáticas

Fazendo uma revisão sobre o assunto em gramáticas e estudos linguísticos, podemos verificar que a forma do Presente do Indicativo recebe um tratamento distinto. Bechara (2009), por exemplo, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, afirma que os tempos verbais se dividem em três: presente, passado e futuro. O gramático defende que o presente se refere a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos, já o passado condiz com os fatos anteriores ao momento em que se fala e quanto ao futuro, este faz referência a fatos ainda não realizados.

O autor caracteriza o presente como um traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito e ao futuro, que para o gramático são termos “positivos”, isto é, aplicados ao ocorrido, o que possibilita, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, “em lugar” do passado e do futuro.

Becharapontua ainda, três situações para o Presente do Indicativo (BECHARA, 2009, p.276):

1- indicam eventos que se prolongam até o momento em que se fala:

(1) “Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo.”

(p.276)

2- expressam eventos habituais:

(2) “A Terra gira em torno do Sol.” (BECHARA, 2009, p.276)

3- exprimem uma verdade universal:

(3) “O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova.” (BECHARA, 2009, p.276)

Tal gramático também afirma que o Presente do Indicativo é empregado pelo pretérito, como presente histórico, com o objetivo de dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais; pelo futuro do indicativo, para indicar com ênfase uma decisão; pelo pretérito imperfeito do subjuntivo e pelo futuro do subjuntivo. Bechara cita os exemplos dos respectivos empregos acima⁶:

⁶ Exemplos de Bechara (2009, p. 276)

(4) Pela manhã, bates-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responde, procuras entrar. Um peso imprevisto detém o esforço do teu braço. Insistes. Entras. E recuas, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito.

(5) Amanhã eu vou à cidade.

(6) Se respondo mal, ele se zangaria.

(7) Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Logo em seguida, Bechara explica que há alterações e ambivalências dos tempos que ele cita na atividade do discurso e que, geralmente, uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de outra significação. Sendo assim, podemos afirmar que o autor leva em conta os valores semânticos do verbo, pois há uma preocupação com o contexto em que o verbo se encontra para significar algo.

Cunha e Cintra (2008), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, também dividem os tempos em presente, pretérito (ou passado) e futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

Os autores falam de aspecto verbal em sua gramática explicando-o como uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo.

Enquanto Bechara pontua três declarações para o Presente do Indicativo, Cunha e Cintra apontam cinco empregos com alguns exemplos:

1- Presente Momentâneo, que anuncia um fato atual, ou seja, ocorre no momento que o locutor fala:

(8) “Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa.” (p.462)

2-Presente Durativo, que indicam ações e estados permanentes:

(9) “A Terra gira em torno do próprio eixo.” (p.462)

3-Presente Habitual ou Frequentativo, que expressam uma ação habitual:

(10) “Sou tímido: quando me vejo diante de senhoras, emburro, digo besteiras.” (p.463)

4-Presente Histórico ou Narrativo, que tem o objetivo de dar vivacidade a fatos ocorridos no passado:

(11) Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil.

5-Para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

(12) “Outro dia eu volto, talvez depois de amanhã, ou na primavera.” (p.463)

Os gramáticos explicam, em seguida, os valores que os verbos recebem ao expressarem essas ações, como por exemplo, a explicação que é atribuída ao Presente Histórico ou Narrativo, em que “imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463).

Outra gramática, dessa vez descritiva, de Perini (2010), destaca que o tempo verbal tem a ver com a situação de eventos e estados no tempo indicativo. Assim o verbo é importante na construção da oração porque vai localizar no tempo um evento através da forma verbal utilizada.

O autor cita os exemplos:

(13) “O João trabalhou aqui.” (p.219)

(14) “O João trabalha aqui.” (p.219)

(15) “O João vai trabalhar aqui.” (p.219)

Dessa forma, podemos observar que a construção das orações é a mesma e o único responsável por indicar a noção de tempo é o verbo. Perini também argumenta da presença dos três tempos verbais: passado, presente e futuro e que a partir deles teremos outras construções em que levaremos em conta o aspecto e o tempo, pois além de não terem representação formal distintas em português, um costuma invadir o território do outro.

Percebe-se então, que o autor defende que as formas verbais no Presente do Indicativo podem possuir mais de um valor semântico em um determinado contexto. Dessa forma, pode-se exprimir futuro, usando o tempo presente: Temos esse exemplo usado por Perini (2010, p.220):

(16) Eu te levo esse livro amanhã.

No exemplo o verbo “levar” está na forma Presente do Indicativo, mas indica uma ação que será realizada no futuro.

Perini considera duas formas verbais no Presente do Indicativo: (i) o presente simples, que exprime um evento habitual (ex. eu vejo); (ii) o presente progressivo, usado para exprimir

fatos que ocorrem no momento da fala, que é formado a partir da união entre o auxiliar mais o verbo no gerúndio (ex. eu estou vendo).

Assim, quando afirmamos:

(17) “O cachorro tem pêlo preto”, temos uma característica permanente.

(18) “O parque fica no alto da montanha”, temos um estado permanente.

(19) “Faz frio toda noite”, nesse caso estamos falando de um evento habitual.

Na última frase percebemos que o verbo não está ligado somente ao tempo presente, mas também a uma extensão do futuro e do passado. Se quisermos nos referir somente ao presente da fala, teríamos de usar o presente progressivo, como por exemplo, “Está fazendo frio esta noite”, assim usaríamos o auxiliar “estar” + o gerúndio “fazendo”. Sendo assim, o presente progressivo terá um valor que não necessita ser pontual, podendo ter relação com o passado e presente ou ser habitual e nunca ter uma propriedade permanente:

(20) Está fazendo muito calor em Uberaba.

Essa frase pode ter dois sentidos diferentes: pode indicar que tem feito muito calor ultimamente, ou que nesse momento está fazendo muito calor em Uberaba.

Podemos verificar também a presença do presente simples expressando:

1- O futuro acompanhado de uma expressão temporal que elimina a ambiguidade:

(21) Amanhã à noite te encontro.

A expressão “amanhã à noite” indica que a ação será realizada no futuro, apesar do verbo estar conjugado no presente.

2- Expressando o passado quando se deseja dar um caráter mais vivo a uma narração.

(22) Caminhei pelo corredor pé a pé e de repente o que eu vejo? Um gato atravessando a sala no escuro.

3-Indicando tempo decorrido:

(23) Estudo música desde que me entendo por gente.

4- Ou expressando uma condição atual:

(24) A cadeira está quebrada.

Já o presente progressivo poderá ser usado para:

1- Exprimir um evento visto como simultâneo ao momento da fala.

(25) Meu filho já está na faculdade.

2-Comunicar a ideia de uma situação transitória, em oposição ao presente simples que, no mesmo contexto, expressa uma situação permanente.

(26) Eu estou acordando cedo.

(27) Eu acordo cedo.

A primeira construção indica que eu acordo cedo há pouco tempo, enquanto que a segunda indica que eu acordo cedo sempre.

3- Indicar um futuro imediato, mas é necessário o uso de elementos contextualizadores que indicam tempo.

(28) Estamos embarcando hoje à noite.

Como podemos observar, a gramática descritiva de Perini, em relação as demais, é a que mais explora os diferentes valores semântico-discursivos dos tempos verbais, mais especificamente, das formas do Presente do Indicativo. Como defendem Barbosa e Cruz (2013, p.60), “dentre as gramáticas analisadas, a de Perini (2010) é aquela que mais se afasta do tradicionalismo e mais se aproxima do contexto real de comunicação utilizado no PB”. Barbosa (2008, p.69) ressalta ainda que nas gramáticas tradicionais do português, a categoria aspecto é tratada de modo superficial, geralmente como observação ou nota de rodapé. Por isso, para a estudiosa, esta categoria não está claramente descrita nas gramáticas tradicionais.

Como podemos verificar em gramáticas, principalmente as normativas, o Presente do Indicativo geralmente é apresentado como um tempo verbal de um valor semântico apenas, pois apresentam somente casos em que os verbos conjugados no Presente do Indicativo expressam fatos que ocorrem no momento da fala. Ou seja, as gramáticas tradicionais não evidenciam os possíveis diferentes valores semânticos que uma forma verbal pode ter.

Perspectiva dos estudos semântico-discursivos

Atualmente, existem vários trabalhos (por exemplo, FATORI, 2006; VARGAS, 2011, BARBOSA e CRUZ, 2013), que apontam que o Presente do Indicativo expressa diferentes valores semânticos. Partindo dessas afirmações, fizemos os seguintes questionamentos:

- Como os alunos estão usando o Presente do Indicativo em textos escritos?
- Como se dá o ensino dessa forma verbal nas escolas?

Partindo dessas perguntas, consideramos justificável e motivador um trabalho que possa descrever os valores semânticos que essa forma assume na língua escrita em usona escrita de alunos do Ensino Médio.

Fatori (2006) aponta que o Presente do Indicativo é um dos tempos verbais mais empregados na língua portuguesa e pode ser utilizado para expressar tanto o presente como o passado e o futuro. Sob esta perspectiva o Presente do Indicativo é a estrutura verbal mais versátil de nossa língua.

No trabalho “*O presente e o uso do presente*”, Abrahão (2007) cita a pesquisa de Besson (1993), intitulado “*Lês valeurs du présent dans Le discours expositif*”. Segundo Abrahão (2007), Besson toma por base Benveniste e Weinrich e defende a ideia de que outras formas verbais são bem mais estudadas que o presente. Seu *corpus* analisado conta com 300 (trezentos) textos e levanta duas questões sobre o presente:

- Independentemente do seu papel de ancoragem nos discursos expositivos e a respeito da sua unidade morfológica, podem as formas do presente ser atribuídas de valores discursivos diferentes, relativos aos tipos de sequências em que aparecem?

- Qual o papel das outras estruturas como os modalizadores, a presença de certa organização textual ou de outras formas temporais no valor discursivo do presente? (Abrahão, 2007).

Nas pesquisas de Besson (1993 apud ABRAHÃO, 2007) aparecem análises discursivas levando em conta questões como: a presença ou não do enunciador; o apontar para uma relação com o ouvinte / leitor; os elementos coesivos, etc.

Dentre os resultados obtidos em sua pesquisa a autora cita:

Ao levar em conta o papel do presente nessas sequências, observa que nas sequências puramente informativas existe uma abstenção do tempo ou um tempo infinito que não se situa em relação ao passado e ao futuro. Aponta assim para o valor atemporal do presente e cria a categoria: presente da autonomia (no caso, autonomia discursiva). Observa, ainda, a presença marcante dos verbos estativos, principalmente o verbo ser e conclui que o presente, nesses casos, apresenta um valor puramente sintático, estabelecendo relações entre noções (relação de equação; de descrição; de localização; de propriedade) - relações primitivas.” (ABRAHÃO, 2007, p.106).

Sobre as sequências explicativas, injuntivas e argumentativas, Besson (1993 apud ABRAHÃO, 2007) evidencia- que aparecem muitos modalizadores, condicionais e formas no futuro, além de muitas formas compostos. O presente aparece como complemento, a autora o chama de presente da implicação e atribui a ele o valor temporal de simultaneidade. Nas

sequências semi-narrativas a autora chama a atenção para o presente histórico e às vezes uma interposição do passado e do futuro, situando duas realidades.

Abrahão (2007) cita também a pesquisa de Martelotta (1986, p.47-8), que teve como foco o Presente do Indicativo no que se refere à expressão do “tempo real”. Nessa pesquisa foram analisadas 600 ocorrências do Presente do Indicativo e desse total apresentou (94,5%) de situações a que ele chamou de permanentes ou indeterminadas, as quais nada têm a ver com o tempo cronológico do presente, (3,8%) de situações de futuro, (1,5%) de situações de presente, sendo que destes, 5 casos se referiam ao aspecto cursivo, restando apenas 4 casos de presente simultâneo ao momento da fala e (0,2%) de situação de passado.

Martelotta (1986 apud ABRAHÃO, 2007) conclui que o Presente do Indicativo tem um compromisso bem menor do que o pretérito perfeito, com a expressão de tempo cronológico. A intenção do falante ao utilizar situação de presente permanente é abster-se da expressão de tempo cronológico, pois aparece em geral nas descrições, comentários e outros discursos em que a expressão do tempo tem importância secundária assume o tempo como uma categoria dêitica e estabelece uma diferença entre o tempo real e o tempo gramatical.

Na gramática tradicional, vimos que a noção de tempo é dividida em três: o presente, o passado e o futuro, como podem ver na definição de tempo por Cunha e Cintra(2008, p.395):

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

Entretanto, na visão dos linguistas, a noção de tempo é mais abrangente. Barbosa (2008) refere-se a Benveniste (1989[1974]), o qual afirma que uma coisa é situar um acontecimento no tempo crônico e outra é inseri-lo no tempo da língua. Para esse autor, existe o tempo linguístico, o tempo físico e o tempo crônico (ou cronológico) e explica que o tempo físico tanto pode ser a medida do movimento exterior das coisas como a relação entre o anterior e o posterior; enquanto o tempo crônico ou cronológico está ligado ao tempo dos acontecimentos e, o último, o tempo linguístico que faz referência ao exercício da fala, definindo-se e ordenando-se como função do discurso.

Fatori (2006) supõe que essa repartição tripartida do tempo em presente, passado e futuro seja uma característica universal da linguagem humana, porém Lyons (1979) já afirmava que isso não era necessariamente verdade, na medida em que essa oposição não se manifesta em todas as línguas. Lyons postula também que naquelas línguas em que essa

tripartição é gramaticalizada, a oposição não é necessariamente temporal. Tal autor explica que há línguas, por exemplo, que não possuem um paradigma verbal futuro semelhante ao das línguas românicas, como o caso do finlandês, do húngaro, do alemão e do russo, em que o futuro pode ser expresso pela forma verbal do presente ou ser não marcado.

Já Vargas ressalta que existem algumas peculiaridades nas noções de presente, que são os aspectos. Podemos entendê-los como sendo algumas características que o falante atribui ao verbo no momento em que o reproduz. A autora explica que o aspecto é uma questão de fases e que o verbo do português exprime aspecto porque ele nos dá a possibilidade de representar o mesmo fato, ora como um todo indivisível, ora como composto por diferentes “fases”, uma das quais é posta em foco.

Weinrich (1974) defende que algumas formas verbais não exprimem tempo, mas sim caracterizam a situação comunicativa como relato ou como comentário. Dessa forma, percebemos que há várias possibilidades para se utilizar as formas verbais, assim como falamos sobre o Presente do Indicativo, que pode expressar ações do passado e do futuro. Vargas argumenta que isso ocorre quando o objetivo é utilizar o emprego de tempos do mundo comentado para significar ações do mundo narrado. Sendo assim, de acordo com a autora, o aspecto depende de como o falante concebe a situação e de como quer expressá-la.

Para a autora, o Presente do Indicativo quando denota uma ação do passado ganha um novo valor expressivo, pois o falante pretende abolir a distância entre o leitor e o fato que está sendo narrado, isto é, o objetivo do falante ao utilizar o presente para expressar um fato ocorrido no passado é presentificar os fatos levando o leitor a entendê-los de modo simultâneo.

Segundo Vargas (2011), alguns teóricos defendem a categoria do aspecto sendo mais concreta que a do tempo, por ser mais objetiva e por revelar mais clareza nas formas indicativas, pois o aspecto atribui mais características, como a duração, o tom da fala, o efeito, enfim, são vários sentidos atribuídos.

A estudiosa cita dois exemplos em que o verbo está na forma do Presente do Indicativo, mas que remete a fatos do presente e do futuro:

(29) “Marisa faz anos hoje”

(30) “Jorge faz anos no mês que vem”

Percebemos que a forma verbal é a mesma, mas levando em consideração os valores do tempo semântico, cada uma das sentenças possui um sentido diferente. Como explica a

autora, na primeira sentença há uma correspondência natural entre a forma verbal “faz” e o elemento circunstancial de tempo “hoje”, enquanto na segunda a forma verbal “faz” não possui uma correspondência com a expressão circunstancial de tempo “no mês que vem”.

O fato da segunda sentença não possuir correspondência entre a forma verbal e o elemento circunstancial de tempo acontece, pois o verbo está no presente e o elemento circunstancial expressa uma ideia de futuro. Vargas explica que o falante pretende, nessa segunda frase, situar o fato como uma realidade, muito mais do que como uma prospecção ou um prognóstico, como ocorre nas formas de futuro.

Assim, como podemos perceber, há diferenças em como os linguistas analisam o tempo e como as gramáticas tradicionais abordam essa categoria. Embora, fique claro que a gramática discorre sobre o uso do Presente do Indicativo sob uma perspectiva mais semântica, levando em consideração os valores dos verbos em diversos contextos, percebemos que ela analisa por um aspecto estilístico, enquanto a linguística se preocupa em estudar os fatos, o uso, sem ficar presa a valores. Faremos a análise dos dados, para que possamos colocar em prática tais definições e apresentarmos um posicionamento.

Por fim, um estudo recente, de Barbosa e Cruz (2013), realizado em blogs, apontou, principalmente, que:

- o Presente do Indicativo não é usado com valor de Presente Momentâneo;
- com exceção do presente com valor de futuro, não se torna necessário haver a presença do adjunto adverbial para expressar tempo;
- o Presente Onitemporal predomina nos textos argumentativos, na maioria dos casos;

A partir dessas releituras, partimos da hipótese de que o presente é uma forma verbal que pode assumir vários valores semânticos. Sendo assim, investigamos quais foram os valores mais frequentes encontrados nos textos produzidos pelos alunos.

Procedimentos de análise e *corpus*

Além da revisão teórica sobre o assunto, analisamos o uso do verbo conjugado no Presente do Indicativo em um *corpus* composto de redações⁷ escritas por alunos do Ensino Médio de escolas públicas. Como critério de inclusão, selecionamos redações escritas por

⁷ Ressaltamos que a temática “Preconceito Linguístico” foi trabalhada com os alunos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sendo assim foi um tema que os alunos já conheciam facilitando assim a escrita das redações.

alunos que nasceram e vivem em Uberaba e/ou aqueles alunos que vieram para a cidade com até cinco anos de idade. Para coleta das redações, foi elaborada e aplicada uma proposta textual.

A partir da aplicação da proposta de redação na escola, conseguimos 118 redações, entretanto, pudemos utilizar em nosso corpus apenas 70. Isso ocorreu, pois esse foi o número de redações acompanhadas dos termos⁸ de autorização dos pais ou responsáveis legais..

Após a montagem do *corpus*, selecionamos as formas conjugadas no Presente do Indicativo e as analisamos segundo os seguintes grupos de fatores (baseados em Barbosa e Cruz, 2013 e Fatori, 2006):

I- Valores semânticos da forma conjugada no Presente do Indicativo: nesse grupo, analisamos os seguintes valores que as formas conjugadas no Presente do Indicativo poderiam assumir:

a) Presente aspectual: um tipo de presente marcado por características aspectuais, isto é, a forma pode expressar um caráter de duração (eternidade), repetição, hábito, característica, como por exemplo:

(31) “As pessoas terão conhecimento do que é a variedade linguística.”

b) Presente atemporal: um presente que não possui limites temporais, como afirma Fatori (2006). Ou seja, caracteriza-se por não possuir ligação ao tempo cronológico, tem uma ideia de universalidade, alguns tipos são: presente onitemporal, presente de “juízos do falante”, temos como exemplo:

(32) “Atenciosamente, sua amiga, que *está* com saudades.”

c) Presente modal: caracteriza-se por uma ausência de temporalidade, de acordo com Fatori (2006). Um tipo de presente que expressa a atitude do falante, isto é, sua certeza, incerteza, solicitação, ordem, obrigação, desejo, etc. Há dois tipos: o presente imperativo e o presente futuro, exemplo:

(33) “Eu como adolescente e estudante da escola América, lhe *escrevo* para fazer um convite que pode ser muito útil para você.”

⁸ Esta pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil, e recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFTM.

d) Presente momentâneo: tipo de presente, que segundo Fatori (2006), se trata de um dos valores semânticos menos produtivos do Presente do Indicativo. E que segundo as gramáticas tradicionais é o que mais aparece nesse tempo verbal, um dos motivos para verificarmos se aparecerá em nossa análise. Presente momentâneo indica um evento que acontece no mesmo momento em que o falante produz sua fala.

(34) *Escrevo* agora esta carta.

e) Presente enfático: como o próprio nome diz, tem como objetivo enfatizar um termo na oração, conforme constatamos no seguinte exemplo:

(35) “Você não vai querer ficar de fora, não *é?*”

f) Presente com valor de futuro: um presente que se caracteriza por possuir um caráter de certeza sobre o que está sendo pronunciado, exemplo:

(36) “Te *espero* lá!”

II- Tipo de verbos: nesse grupo, analisamos os tipos de verbos:

a) Ação: um verbo que se refere a uma atividade realizada por um sujeito agente (que faz a ação verbal). Exemplo:

(37) “Se você vier *tenho* certeza de que vamos embora com mais consciência e conhecimento.”

b) Processo: o sujeito nesse tipo de verbo é paciente, ou seja, um complemento é sempre atingido. Exemplo:

(38) “O humor deles *faz* nós gostarmos mais da palestra.”

c) Ação – processo: um verbo que expressa uma ação realizada por um sujeito agente e um objeto paciente. A ação sempre vai realizar uma mudança de estado.

d) Estado: um verbo que indica uma condição do sujeito, o estado em que ele se encontra. Exemplo:

(39) “Outro fator existente *é* que depois da palestra.”

III - Presença/ Ausência de Advérbios: nesse grupo, analisamos a presença ou ausência de advérbios na sentença acompanhando o verbo principal, buscando verificar se verbo e adjunto estão atuando juntos para dar o valor semântico.

- Presença: quando o verbo no Presente do Indicativo estiver acompanhado de um adjunto adverbial. Exemplo:

(40) “Não nos *falamos* muito ultimamente.”

- Ausência: quando não há a presença de um verbo acompanhado de um adjunto adverbial. Exemplo:

(41) “*Eugaranto* que você vai adorar a palestra.”

IV- Gênero: esse foi nosso único grupo extralinguístico, em que tentamos verificar a influência do gênero (Masculino e Feminino) na produtividade das formas e dos seus valores semânticos.

Primeiro realizamos uma análise quantitativa (com auxílio do GOLDVARB), depois, partindo do embasamento teórico deste projeto, fizemos a análise qualitativa dos dados.

Análise dos dados

Após selecionarmos as ocorrências, tivemos um total de 422 formas no Presente do Indicativo. Faz-se necessário ressaltar que analisamos as formas de acordo com os grupos de fatores descritos na seção anterior. Numa primeira análise, obtivemos os seguintes valores semânticos:

	Número de Ocorrências	%
Presente Aspectual	190	45%
Presente Atemporal	7	2%
Presente Modal	215	51%
Presente Momentâneo	0	0%
Presente Enfático	4	1%
Presente Futuro	6	1%
TOTAL	422	100%

Tabela I: Valores Semânticos da forma conjugada no Presente do Indicativo

Fonte: os autores.

Como podemos observar na tabela I, verificamos que os valores semânticos que predominaram foram: Presente Modal e Presente Aspectual. Lembrando que alguns linguistas como Weinrich (1974), Vargas (2011), Fatori (2006) revelam que a intenção do falante é um fator fundamental para a construção do sentido.

Cabe ainda mencionar que em seus textos, os alunos de Uberaba utilizam verbos conjugados no Presente do Indicativo para expressarem suas opiniões, atitudes, desejos, certezas, dúvidas, etc. Dessa forma, podemos inferir que os alunos querem expressar suas opiniões a fim de despertar no leitor da redação o desejo de comparecer à palestra. É por isso que os alunos empregam as formas no presente para indicar modalidade, como por exemplo:

(12) “Você *tem* que saber que ninguém nunca escreve como se fala.”

O verbo na forma presente indicando aspecto se destacou, pois os alunos utilizam-no para expressar algo que eles fazem e suas crenças, com uma característica de duração, hábito, como por exemplo:

(13) “O assunto é muito importante.”

Ressaltamos a ausência de Presente Momentâneo, que é, de acordo com gramáticas tradicionais, o valor semântico que expressa fatos que acontecem no momento da fala. Assim, por meio da análise do nosso corpus, confirmamos, como já apontaram Barbosa e Cruz (2013) e Fatori (2006), que o Presente Momentâneo é um valor semântico pouco produtivo nas formas de presente do indicativo. Pensando no ensino dos tempos verbais, acreditamos ser importante mostrar os vários valores dos verbos, pois várias pesquisas feitas mostram que não tem expressado esse valor momentâneo, como defendem os gramáticos.

Faz-se necessário ressaltar que há um grande número de verbos ou estruturas modais nas ocorrências em que encontramos o valor de Presente Modal. Entre eles, destacamos: poder, dever, “tem que, querer”, aconselhar, fazer, acreditar, “acho que”, etc. Como exemplo, temos:⁹

⁹Inicialmente analisamos os tipos de verbos, mas verificamos que os dados não foram relevantes, visto que aparecem muitos verbos modais ou estruturas modalizadas (exemplo: “tem que”). Considerando como verbos modais, como explica Steffler (2013, p.16), os verbos que possuem alguns traços semânticos, tais como pressuposição, certeza, incerteza, dúvida, dever, poder, vontade, desejo, etc. Alguns verbos que o autor destaca

- (14) “Eu também *acho* que eles vão vender coisas de comer.”
 (15) “Eu *aconselho* a levar um lanchinho.”
 (16) “*Quero* convida-la para assistir à palestra.”
 (17) “A pessoa ela *pode* se matar.”

Outro fator analisado da presença ou ausência de adjuntos acompanhando a forma do Presente do Indicativo. Constatamos (Tabela II abaixo) que a maioria das ocorrências não utiliza advérbio, evidenciando que Presente do Indicativo expressa valores modais e aspectuais sem a obrigação de um advérbio. É como se não precisassem de advérbio para contribuir na construção de sentido, visto que o presente expressa por si esses valores. Exemplo em que há a presença do advérbio:

- (18) “*Vamos* lá para comemorar conosco.”

Exemplo em que o advérbio não aparece:

- (19) “*Tenho* certeza que não vai se arrepender.”

	Número de Ocorrências	%
Presença de Advérbio	47	11%
Ausência de Advérbio	375	89%
Total	422	100%

Tabela II: Presença/ Ausência de Advérbios

Fonte: os autores.

Esses dados nos mostram que o advérbio aparece para reforçar o sentido, mas é evidente que ele não precisa estar presente para que o presente indique um modo ou aspecto. Para uma análise mais detalhada, olhamos cada valor semântico combinado com a presença ou não de advérbio:

são: poder, dever, querer, ter que, ter de. Sendo assim, a classificação ação, processo, ação – processo e estado não foi produtiva para nossa análise.

	Ausência de Advérbio		Presença de Advérbio	
	No de ocorrências	%	No de ocorrências	%
Presente Aspectual	160	43%	30	64%
Presente Atemporal	7	2%	0	0%
Presente Modal	201	54%	14	30%
Presente Momentâneo	0	0%	0	0%
Presente Enfático	4	1%	0	0%
Presente Futuro	3	1%	3	6%
TOTAL	375	100%	47	100%

Tabela III: Cruzamento de dados

Fonte: os autores.

Observamos, na Tabela III, que apesar de apontar um baixo número de advérbios, o falante emprega o advérbio geralmente combinado com o valor aspectual, ou seja, isso significa que a forma atua juntamente com o valor do advérbio. Exemplo:

(20) “As pessoas *sofrem* muito por causa desse preconceito.”

Neste exemplo, percebemos que o presente nos indica um aspecto de duração e a presença do advérbio “muito” insere uma ênfase. Vale ressaltar que sem a presença do advérbio, o verbo no presente continuaria apresentando o mesmo aspecto.

Por fim, o último dado analisado foi o extralinguístico “gênero”: Aos fazermos a relação de meninos e meninas que utilizaram a forma do Presente do Indicativo, tanto um gênero quanto outro utiliza tal forma verbal expressando valor aspectual e modal. Ou seja, independente do gênero, temos o uso do Presente do Indicativo predominantemente aspectual e modal.

Considerações Finais

Esta investigação teve como objetivo analisar os usos dos verbos conjugados no Presente do Indicativo simples em redações escritas por alunos de uma escola de Uberaba. Nossa pesquisa partiu do pressuposto de que o verbo no tempo presente deve ser analisado dentro de um contexto, levando-se em conta o valor semântico expresso. Centramos nossa análise em uma perspectiva semântica, não fixando apenas em classificações das gramáticas tradicionais.

Fizemos a análise das 422 ocorrências encontradas nas redações e percebemos que a predominância foi o uso do presente para indicar Presente Modal. Verificamos também que não há casos em que o presente do indicativo expressa fatos que ocorrem no momento da fala, como as gramáticas tradicionais defendem, pois nas análises que fizemos, as ocorrências estão mais ligados ao contexto do que a uma linearidade de presente, de passado e de futuro defendida pelos gramáticos.

Acreditamos que esse resultado se deu em virtude do *corpus* escolhido, pois são redações de alunos que tinham como objetivo convidar um amigo para participar de uma palestra. Em seus textos, para convidá-los, os alunos expressaram suas opiniões a respeito da palestra, seus desejos, certezas, hábitos. Enfim, ao utilizarem os verbos conjugados no Presente do Indicativo buscavam levar o leitor a sentir vontade de participar da palestra.

Assim como ressalta Bagno (2011, p. 547), a tradição escolar sempre desprezou o componente aspecto e o modal, componentes fundamentais da semântica do verbo, como podemos constatar após a análise dos dados. O autor explica que se trata de mais um grave problema teórico e metodológico que tem caracterizado a pedagogia de língua na educação ocidental. Bagno reforça ainda que há uma concentração exagerada com o tempo verbal e somente com os tempos listados tradicionalmente. Assim, podemos afirmar que o ensino continua focado nos tempos cronológicos: presente, pretérito e futuro, não levando em consideração as mudanças que acontecem na língua constantemente, e principalmente, que alguns tempos verbais (e seus valores) caíram em desuso.

Visto que realizamos uma pesquisa em um *corpus* composto por redações de alunos, enfatizamos que nossos resultados confirmam que é preciso repensar o ensino dos verbos na escola. Constata-se que, ao menos para o Presente do Indicativo, as funções apontadas nas gramáticas tradicionais não correspondem fielmente aos usos encontrados nas escritas dos alunos. Por isso, é fundamental que os professores trabalhem atividades que foquem os valores semânticos na escola.

Como proposta de pesquisa, deixamos a possibilidade de elaboração de atividade de ensino que abordem os valores semânticos, partindo do princípio de que o verbo deve ser

analisado dentro de um contexto, levando-se em consideração diferentes valores modais, temporais e aspectuais. Só assim, os alunos compreenderão os diferentes empregos das formas verbais na língua portuguesa e terão um ensino produtivo e reflexivo.

Referências

ABRAHÃO, V. B. B. O presente e o uso do presente. In: *Revista (con) textos linguísticos* (UFES), v. 1, p. 97-110, 2007.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. Parábola Editorial, São Paulo, 2007.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. v. 1. 1056 p.

BARBOSA, J. B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do pretérito perfeito no Português*. 2008. 280 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

BARBOSA J.B.; CRUZ R.C.V. Os valores semânticos do Presente do Indicativo no Português Brasileiro: um estudo em blogs. In: *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 53-79, jan./jun. 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª Ed. Editora Nova Fronteira, Lucerna, Rio de Janeiro: 2009.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FATORI, M. J. *O emprego do presente do indicativo em entrevistas com enfoque no passado*. 106 f. (Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

FREITAG, R. M. K. A expressão do tempo verbal passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais. *Interdisciplinar*, n. 5, v. 12, p. 257-269, Jul/Dez. 2010.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

STEFFLER, A. *Os verbos modais do português sob uma perspectiva de traços funcionais*, 2013.

VARGAS, M. V. *Verbo e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINRICH, H. *Estructura y funcion de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos. 1974.

Artigo recebido em: 04/08/2016.

Artigo aceito em: 10/12/2016.

Artigo publicado em: 23/12/2016.